

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

**"A INFLUÊNCIA DA APOCALÍPTICA JUDAICA NA
PREGAÇÃO DE PAULO"**

FE - SEMANA DE ESTUDOS TEOLÓGICOS, 15 DE JUNHO 2007

Isaiás Lobão

FE



Resumo / abstract



A influência da apocalíptica judaica na pregação de Paulo

O apóstolo Paulo era o primeiro grande missionário e missiólogo do movimento messiânico judaico de Jesus, logo conhecido como "o Caminho", e décadas depois, como o "cristianismo". Por "missiólogo" se entende aquele que intencional e teologicamente pensa nas implicações e aplicações da sua fé em novas circunstâncias. Isto era Paulo. Dentro do mundo da sua atuação, fora da Palestina, Paulo radicalmente avançou o pensamento acerca de Jesus e o alcance desta seita judaica pelo Império Romano. Em especial, ele explicitou as bases universais desta fé para a sua divulgação, eventualmente pelo mundo inteiro. Por isso, o estudo sobre a missão de Paulo é de suma importância tanto para missionários que desejem conhecer as metodologias e estratégias missionárias mais antigas do cristianismo, quanto para missiólogos que queiram explorar os primeiros passos da contextualização da fé judaica e messiânica em novo contexto histórico e cultural, no caso, o mundo grego-romano.

Mas este *paper* não se propõe a explorar todas as influências internas e externas na missão de Paulo, tais como o helenismo, a cultura do império romano, as diversas influências judaicas, e o próprio movimento de seguidores de Jesus ao qual ele se aderiu. Não, o enfoque deste estudo é mais estreita e especificamente limitado ao mundo do apocalipticismo judaico. Meu propósito é destacar a influência do apocalipticismo na conceituação do evangelho e na formação da missão do apóstolo Paulo. Por "evangelho" refere-se ao que muitos expositores tradicionalmente chamam de "teologia". A preferência pelo termo "evangelho" se deve



a dois motivos. Primeiro, é o termo preferido do apóstolo e por isso reflete algo da sua auto-identidade. O "evangelho" de e para Paulo se refere, de modo geral, a significância da cruz e ressurreição de Jesus para a realização das promessas de Deus para os judeus e os gentios. Mais especificamente inclui a sua compreensão da maneira que os gentios são incluídos no povo de Deus. Isto é diferente do termo "teologia", empregado na academia e na igreja para se referir a toda uma conceituação, geralmente sistemática, a respeito de Deus e os diversos assuntos afins. Segundo, o termo "evangelho" capta melhor o caráter prático do ministério de Paulo, ao mesmo tempo missionário e pastoral. Além disto, destaca a natureza narrativa e biográfica da fé, ao invés da expressão abstrata e dogmática.

Agora, falar da influência do apocalípticismo no apóstolo Paulo pode parecer inicialmente muito estranho. Afinal, o que tem o apocalípticismo a ver com este apóstolo e os seus escritos? Tanto a teologia luterana com sua ênfase na justificação pela fé quanto a teologia calvinista com o seu enfoque na soberania de Deus apelam para a teologia de Paulo, compreendendo-a de forma sistemática, racional e abrangente. Hoje, os escritos de Paulo nos lembram muito mais dos argumentos racionais de João Calvino, Lutero, e de Karl Barth do que das visões e cenas fantásticas e catastróficas do *Apocalipse de João* ou de Dn.

Entretanto, é bom lembrar que o apóstolo Paulo vivia no mesmo mundo e quase na mesma época que o visionário João. Não nos surpreendamos que possuíam cosmovisões muito mais próximas que se possa parecer. Certamente Paulo estava mais próximo histórica e culturalmente do visionário João que dos reformadores. E como João, Paulo compreendia o evangelho na urgência escatológica do momento histórico—não em termos duma ação de Deus celestial, porvir e distante,



mas sim, numa irrupção no aqui e agora pelo Espírito transformando estruturas sociais inteiras pela derrota de potências invisíveis que regiam os afazeres dos seres humanos até então. Este é um modo tipicamente apocalíptico de entender o mundo e a atuação de Deus nele. Embora Paulo raras vezes utilizava o gênero apocalíptico nos seus escritos, pretendo demonstrar que sua maneira de conceber o evangelho e entender a sua própria missão refletiu uma cosmovisão essencialmente apocalíptica.

Uma chave importante para entender a ligação entre a teologia e a ação missionária de Paulo é a sua interpretação apocalíptica da morte e ressurreição de Jesus e as implicações disso para a sua auto-identidade. A escatologia apocalíptica é a ponte entre Paulo o teólogo e Paulo o missionário.

Minha proposta é a seguinte: *uma cosmovisão judaica e apocalíptica deu forma fundamental ao chamado e o ministério missionários de Paulo*. Por "chamado", me refiro não apenas à cristofania na estrada para Damasco que Paulo identifica como um *apocalipse*, mas também à sua percepção e expressão subsequentes da significância deste evento. Por "ministério", me refiro à interação entre a emergência da igreja e a legitimação desta atividade pela interpretação por Paulo das escrituras. A apocalíptica intensificou a sua valorização das atividades de plantar e nutrir a igreja e também definiu a sua estratégia de ministério ao longo prazo. Também forneceu uma chave hermenêutica para sua exposição das Escrituras e a expressão do seu evangelho nos seus escritos estantes. Logo, a compreensão da missão de Paulo como apocalíptica esclarece a expressão do seu evangelho.

Antes de prosseguir, é necessário responder a uma objeção à descrição da missão de Paulo como apocalíptica.



Se a principal maneira de caracterizar um escrito como apocalíptico é pela sua identificação dentro do gênero literário dum apocalipse, e se Paulo não adotou a prática de escrever apocalipses, como é possível identificar o seu conceito de missão como apocalíptico? Uma explicação, amplamente reconhecida e facilmente ilustrada da literatura do judaísmo primitivo (desde o final do séc.III a.C. até o final do séc.II d.C.), é a observação que idéias apocalípticas não se limitam ao gênero literário de apocalipses.

Além disto, sugiro uma explicação adicional e mais forte, relacionada à minha tese acima mencionada: A percepção por Paulo da morte e ressurreição de Jesus necessariamente relativizou (ou por transformação ou por dispensa) o gênero através de qual o evangelho apocalíptico é comunicado. Isto ocorre porque, na visão de Paulo, através da morte e ressurreição de Jesus, Deus ultimamente se vindicou a si mesmo pelo cumprimento da sua promessa de abençoar os judeus e através deles, abençoar os outros povos também (Gn 12:1-3).

Logo a unidade de judeus e gentios na igreja emergente assumiu proporções tão grandes para Paulo que até expressões sagradas anteriores de identidade judaica—como a circuncisão, as leis alimentícias, e a observância do sábado—são relativizadas. Tal unidade, na prática missionária de Paulo, significava um equilíbrio delicado entre a sua defesa da entrada dos gentios no povo de Deus, somente pela fé *em Cristo* e a sua insistência que, também somente *em Cristo*, os judeus são também vindicados e a nova era do messias, de fato, se inaugurou. Entretanto, o ministério de Paulo é principalmente entre os gentios. Enquanto o evangelho é o poder de Deus para a salvação de todos que crêem, *primeiro* para o judeu, e também para o



gentio (Rm 1:16), e enquanto o "primeiro" de Paulo é um "primeiro" teológico e até cronológico, o seu enfoque estava no mundo gentílico. Portanto, era natural, que para cumprir o evangelho entre os gentios, ele abandonaria o gênero literário judaico apocalíptico e adotar mecanismos de comunicação mais apropriados tais como a composição helenística de cartas e também algumas formas elementares da retórica helenística. Porém, as idéias expressadas nestas formas de comunicação não judaicas não eram menos judaicas ou menos apocalípticas.

A importância do apocalipticismo para o estudo do Novo Testamento foi bem destacada por D. S. Russell, ao reparar:

[...] a literatura apocalíptica merece um lugar de honra no judaísmo e muito contribuiu para formar o mundo conceitual do primeiro século cristão e, como resultado, profundamente influenciou a fé e as expectativas da igreja cristã primitiva, não menos nas suas crenças escatológicas e messiânicas. Não é exagero dizer que o cristianismo primitivo estava profundamente endividado à tradição apocalíptica que, apesar de todos os perigos associados com o seu abuso, possibilitou a transformação duma seita originalmente judaica em uma religião mundial com uma dimensão universal e até cósmica à sua mensagem que doutra sorte talvez não tivesse adquirido.

À luz do "temperamento" apocalíptico, sugiro quatro idéias básicas que exprimem esta disposição: a iminência, o dualismo cósmico, o desvelamento, e a transcendência.

A iminência e a finalidade. A iminência, especialmente escatológica, é uma característica largamente reconhecida da literatura apocalíptica. É também tão comumente confundida com a imediação. A característica iminente de escatologia na literatura apocalíptica não se refere nem necessariamente à destruição do mundo físico e nem à sua salvação imediata. Ao invés disto, a iminência descreve uma



noção mais qualitativa e espacial que quantitativa e temporal. A simples *confiança* e a absoluta *segurança* na conquista divina do mal se tornam a devida herança dos retos. Aliás, apesar de certos enfoques diferentes, tanto as tradições proféticas quanto as apocalípticas entendem a escatologia não tanto em termos do fim do *tempo*, mas em termos do fim do *mal*. Entretanto, tal segurança urgente na conquista do mal freqüentemente se expressava por categorias temporais a fim de intensificar a certeza de que Deus vindicaria suas promessas para os retos. A linguagem do fim, em última análise, é a linguagem de finalidade. O que está em jogo não é o fim próximo da história ou da criação, mas a resolução, que está para sair, da crise histórica. Tal perspectiva é pessimista somente em relação à ordem atual dominante e má. Em relação à esperança na resolução divina pendente, ela é resolutamente otimista e confiante.

O dualismo cósmico. Também há confusão acerca da característica do dualismo. Enquanto os contrastes dualistas são certamente comuns à literatura apocalíptica—entre Deus e o ser humano; entre a história e a meta-história; entre “este século” e “o século vindouro”; entre a retidão e a maldade; entre a escuridão e a luz; entre os anjos e os demônios, e entre Deus e Satanás—a característica predominante do gênero, mesmo assim, é essencialmente monística. Deus é Criador *sobre tudo* que criou e Senhor da história *sobre tudo*. Nunca na literatura apocalíptica judaica a soberania de Deus é diminuída. Não importa quão aguda e perplexa seja a teodicéia, nunca é permanente. Em resumo:

[...] *não há justificação de ver a 'apocalíptica' como necessariamente falando do 'fim do mundo' no sentido*



literalmente cósmico. Esta idéia moderna regularmente alimentava a crença que a 'apocalíptica' fosse 'dualista', numa forma que hoje acreditamos ser sem fundamento. A maior parte dos escritos apocalípticos não parece sugerir que o universo de espaço e de tempo é mau, e não procura o seu fim. Um fim da ordem mundial presente, sim: somente tal linguagem, Jeremias descobriu, poderia descrever justamente os terríveis eventos do seu dia [Jr 4:23-28].

O desvelamento. A característica mais distinta e peculiar da literatura apocalíptica é o seu meio de revelação. Tal meio de receber o seu conteúdo por visões e sonhos é especialmente significativa para a identificação do seu gênero literário e ocupa boa parte da discussão a respeito desta literatura. Mas o modo visionário de revelação também é uma característica importante do pensamento apocalíptico e faz parte significativa do seu sistema ideológico, pois tem a função de legitimar o conteúdo interpretativo da revelação. Este processo extra-empírico de legitimação ocupa um papel crítico entre todos os movimentos religiosos considerados marginais pelos seus parentes religiosos mais próximos. Os novos movimentos religiosos comumente são movimentos de revelação.

A pseudonímia funciona para assegurar a aceitação dum apocalipse como revelação divina através da associação do nome dum figura proeminente da tradição judaica a quem a "nova" revelação poderia ser acreditavelmente atribuída. Isto foi especialmente importante durante o período quando, entre alguns grupos judaicos, o cânon veterotestamentário estava se fechando e a inspiração profética era considerada finalizada. A associação pseudônima com figuras heróicas judaicas e as revisões "proféticas" e interpretativas da história garantiram a antiguidade do apocalipse e assim conferiram-lhe autoridade. Estas observações também significam que os apocalipses não foram escritos



principalmente para grupos ou movimentos apocalípticos em si, já que, dado o fenômeno da pseudonímia, os leitores teriam que pressupor atribuição falsa.

Apenas a revelação divina—em contraposição às técnicas “naturais” e convencionais duma tradição religiosa para a codificação das suas crenças—possui poder hermenêutico suficiente para efetivamente assegurar autoridade e, conseqüentemente, legitimação em contraposição à tradição religiosa majoritária duma dada sociedade.

Auxiliar ao processo de legitimação no desvelamento de “segredos ocultos” é a preocupação de cadastrar conhecimento enciclopédico a respeito dos mais diversos assuntos, especialmente dentro das três áreas de cosmologia, história e escatologia. Semelhante à maneira que cientistas modernos procuram credibilidade pela quantificação de idéias (tabelas, gráficos, e fórmulas matemáticas), os apocalípticos antigos incorporavam dentro do seu discurso os mais elaborados cálculos e jogos numéricos.

Mas, uma das conseqüências de revelação mais impressionantes na literatura apocalíptica para o biblista contemporâneo, é a sua preocupação com a exegese. A releitura de profecias e conseqüentemente da história na tradição judaica antiga constituía uma tarefa altamente exegética. Nos apocalipses há muitas alusões ou até mesmo citações do Velho Testamento. Destacam-se especialmente as expansões das narrativas bíblicas. Mais uma vez, e apesar dos métodos mais bizarros e pneumáticos diante dos olhos dos exegetas modernos, a intenção dos escritores originais não era substituir a *Torá*, e sim, de intensificá-la. Nas palavras de James Charlesworth, “a exegese era o crisol dos Pseudepígrafos”.

A transcendência. Mais uma vez cito Charlesworth:



[...] a essência do pensamento apocalíptico é a transcendência. O indivíduo é movido, por visão ou audição, daqui para lá, da terra conquistada pelos pagãos para um mundo—ou século—cheio da glória de Deus. A transcendência é daqui para lá, ou de agora para depois; duma finalidade (telos) indefesa para uma conclusão paradisiaca (eschatos). Tal transferência incorpora redefinição; para que, desde os tempos dos macabeus (o século II B.C.E.) até a década do Apocalipse de João (no final do século I C.E.) pode-se falar de "viver" através de "morrer". Através de fidelidade a Torá e a Deus, pode-se "conquistar" por ser "conquistado" (cf. Ap 2:7, 11, 17, 26; 3:5, 12, 21).

Nos apocalipses, conceitos essenciais, como o poder e a própria realidade são redefinidos através da metáfora da reversão. Os primeiros serão os últimos (2Br 51:13; Mc 10:31), os pobres serão vindicados em contraposição aos ricos (Mc 10:21), e os retos receberão o seu justo galardão contra o lucro terreno dos injustos (1En 42; 52; 104:6; Mt 5; 2En 45; 61; Mc 7:14-23).

Mas a maior reversão de todas é a própria morte. E a dívida do Novo Testamento para com a literatura apocalíptica se evidencia mais penetrantemente nesta reversão. Transcende-se a própria morte física, não apenas a da comunidade no sentido metafórico ou até mesmo histórico, mas a morte pessoal do indivíduo. Nisso está a marca que distingue definitivamente a escatologia apocalíptica da escatologia profética. Pois além da libertação comunitária evidente na tradição profética, a apocalíptica desenvolve um elemento genuinamente novo, o julgamento final do indivíduo.

Quanto ao julgamento final, junto com o Velho Testamento em geral, a literatura apocalíptica teve uma perspectiva do julgamento divino de povos inteiros (Dn 7:9-



14; 1En 90:20-38). Mas não como o Velho Testamento, a literatura apocalíptica também compreendia uma ressurreição de *indivíduos* e um julgamento correspondente (2En 44:5; TestAbr 12-14), às vezes como um evento catastrófico (a *Vida de Adão e Eva* 49:3; 2Br 40:1-3), e às vezes como um veredito. Às vezes se descrevem dois julgamentos, o primeiro catastrófico, e o outro, forense, (4Ezra 7:36). Mas a convicção comum era de que Deus, de fato, vindicaria o seu povo, eles não pereceriam, os justos seriam compensados e os injustos castigados. No julgamento final, o propósito eterno de Deus encontraria o seu cumprimento final. Já que a realidade se redefine como uma interação entre o plano histórico na terra e o plano cósmico nos céus (cf. Dn 6), se segue que a esperança humana, em última análise, se encontra na auto-transcendência para aquela esfera mais alta de vida. E assim, a "finalidade" da morte é transcendida, ou superada; os retos recebem o seu galardão final e os perversos, o seu devido castigo.

É imprescindível notar que a idéia da ressurreição surgiu primeiramente em Dn como uma resposta criativa à situação *histórica* de crise e por isso serviu para dar confiança para os retos que enfrentaram a tentativa imperial do governo de suprimir a fé, as práticas, e a organização social tradicionais do povo judeu. A este respeito, Beeker bem sintetiza a questão central que a apocalíptica levanta: por que manter fidelidade ao Deus da aliança e à *Torá* mesmo face à perseguição e ao sofrimento?



Não é da tradição unicamente apocalíptica que Paulo deriva sua crença na existência e soberania de Deus. Mas sua compreensão da relação de Deus com Israel, os gentios, e toda a criação, é bem alimentada por esta tradição. A convicção apocalíptica central de Paulo a respeito do monoteísmo é que Deus está em controle, e o mal não prevalecerá. Num dos últimos duma vida inteira de livros eruditos sobre o apocalipticismo, Russell explica:

Pela sua experiência visionária e coisas semelhantes, os apocalipticistas podiam construir uma ponte sobre o espaço entre o céu e a terra e ver mais claramente que muitos da sua geração que aquilo que era temporal e aquilo que era invisível era eterno (cf. 2Co 4.18), e que o Deus cuja glória encheu o céu estava igualmente preocupado com o seu povo e com o mundo que criou e que manifestou a salvação do seu povo.

Já foram descritos como pessimistas, e isto é verdade na medida em que eles não podiam fazer nada para realizar a sua própria libertação. Mas, no íntimo, eram pessoas de fé que criam firmemente, apesar de todos os sinais ao contrário, que Deus de fato estava no controle. Os tiranos poderiam reinar, mas somente pela vontade permissiva de Deus. O seu surgimento e a sua queda foram conhecidos de antemão e foram predeterminados por ele. Mas nisso, não podiam pleitear qualquer desculpa, pois ao mesmo tempo cada um era responsável pelo mal cometido e seria trazido a julgamento.

Esse julgamento também foi predeterminado—não apenas o julgamento de impérios e os seus governadores, mas também de indivíduos e também de anjos. As imagens e a linguagem podem ser às vezes cruas e até cruéis, mas a mensagem era bastante clara—"os moinhos de Deus moem devagar, mas trituram até tamanho extraordinariamente fino". Há um fator moral atuante na história e um julgamento da história que é inevitável e decisivo. É um julgamento que cai igualmente sobre os indivíduos e as instituições tão inevitável e decisivamente como a noite segue o dia. Há nesta literatura uma mensagem de esperança para os oprimidos; também há uma mensagem de julgamento para o opressor....

O fato do mal é um tópico de interesse e importância nestes livros. Duas fontes, lembramos, estão para se



identificar: a inclinação má ou a raiz má no coração humano, e as forças cósmicas más na forma de Satanás e os poderes da escuridão sob o seu comando. No Dia do Julgamento ambos serão tratados: os pecadores serão castigados e os poderes cósmicos maus serão destruídos. No Novo Testamento, também, estas duas ênfases se encontram, correspondendo àquilo que chamamos dos retratos forense e cosmológico do julgamento. Enfrentar-se-á o pecado, que está guardado no coração endurecido e impenitente (Romanos 2.5), de uma vez para sempre no Dia do Julgamento, e os poderes demoníacos serão expulsos.

Paulo levou a sério a natureza demoníaca do mal; mas deve se observar que ele não pensava mais nos "principados e potestades" em termos de arcontes que governam os planetas e as estrelas, mas como o resumo de todas as forças no universo em oposição a Cristo e à sua igreja. O seu discernimento equilibrado sobre isso, entre o forense e o cosmológico, entre o coração pecaminoso interior e os poderes maus exteriores, nos alerta contra dois erros muito fáceis de cometer. Um erro é de imaginar que o mal deve ser explicado em termos da minha própria ação intencional de pecar....O segundo é culpar Satanás e desculpar a nós mesmos. Podem haver muitas circunstâncias que melhoram, mas no fim somos responsáveis pelo mal intencionado, e tal mal, esteja no coração humano ou na sociedade em geral, deve se sujeitar debaixo do julgamento de Deus. Os apocalípticos teriam concordado com o tratado do Mishná, Pirke 'Aboth: 'Tudo é previsto, mas a liberdade de escolher é dada.'

Os apocalípticos, é verdade, olhavam além da história para o cumprimento do propósito divino; mas para eles a história ainda era a arena da atividade de Deus a favor do seu povo. Na era atual o mal ainda prevalecia e a opressão ainda era praxe; mas o poder último permanece nas mãos de Deus e ele no fim prevalecerá.

Para Paulo, Deus é vindicado e demonstra o seu controle sobre o mundo e sobre a última conquista do mal, pela morte e ressurreição de Jesus, o âmago coerente do seu evangelho, somente compreendido por uma interpretação apocalíptica.



Apesar da complexidade e riqueza do pensamento paulino, há muita coerência na sua experiência de conversão nos principais traços da sua teologia e até no estilo e conteúdo da sua missão apostólica.

Em tudo isto, para Paulo, a crucificação e ressurreição estão no centro da sua compreensão do evangelho. Seu evangelho é, portanto o evangelho de *Jesus Cristo*. Não é um evangelho estático ou dogmático, mas um evangelho dinâmico, isto é, um evangelho que entendia o papel central de Cristo através da história da salvação e levando até o final desta história. A teologia tem sua base na crença pessoal em Jesus Cristo, sua morte e ressurreição, e tem seu alvo na esperança e preparação evangelística para sua vinda. Esta crença e esperança eram baseadas na experiência de conversão e no chamamento apostólico de Paulo, e lançaram-no numa missão dinâmica e uma compreensão do evangelho que serviu de base para toda a fé cristã desde o apóstolo Paulo (2Co 5:14-17).

Uma segunda consideração para a estratégia missionária envolve a discussão missiológico sobre grupos humanos. Paulo pensava tanto em termos "globais" quanto em termos de povos. A sua própria estratégia era "circular" o mundo conhecido, "preenchendo" com a proclamação do evangelho e a implantação de igrejas aquelas áreas aonde Cristo ainda não era conhecido. Embora dizer que Paulo pensava em termos de povos não seja precisamente o equivalente de dizer que pensava em termos de grupos humanos no sentido da missiologia atual, mesmo assim, ele teve como alvo imediato a formação de igrejas dentro de cada uma das culturas maiores da região mediterrânea. Ele entendeu que igrejas representativas entre cada povo eram essenciais para a realização do "cumprimento dos gentios" e eventual salvação de "todo Israel". Paulo evidentemente considerou um povo



"alcançado" quando uma igreja sadia que amadurecia era estabelecida entre aquele povo. Esta igreja era vista como uma comunidade apocalíptica tanto em termos de julgamento da maldade "desta época" e como um anúncio e sinal do evento da ressurreição pelo qual o Messias foi climaticamente aclamado como Senhor de tudo.

Uma terceira observação concerne a perspectiva que Paulo teve do Fim e a relação disto com a sua atividade missionária. A estratégia missionária de Paulo não só nasceu da sua perspectiva apocalíptica como também foi nutrida por ela. A sua perspectiva sobre o Fim o motivou constantemente. Era tomado por uma perspectiva apaixonada pelo retorno de Cristo. Com grande ambição, ele incansavelmente se dedicou à realização do "cumprimento dos gentios" e eventualmente à salvação de "todo Israel". Isto é bem diferente que uma paixão pela estratégia em si—objetivos, dados no computador, conceitos modernos de administração, gráficos e organogramas de parede, categorizações e classificações—ao invés que os alvos para os quais as estratégias contribuem. Nosso ponto não é que as paixões apocalípticas excluem estratégias missionárias. Não, o primeiro deve permanecer a origem e fonte contantes do segundo, e não, *vice versa*. Paulo podia avançar resolutamente apesar de barreiras, doutra sorte insuperáveis, porque a sua visão estava fixa dentro duma orientação apocalíptico de tempo, não porque ele estava encantado pelas suas próprias estratégias. O alvo o possuiu mais que qualquer outra coisa, até mesmo mais que os obstáculos que encontrou ao longo do caminho. De fato, Paulo possuiu uma paixão pelo retorno do Senhor, que conseqüentemente o lançou para um curso missionário apocalíptico de proclamação para todas as nações.